

A OBRA DE GUERRA JUNQUEIRO

(Cont. do n.º 1, pág. 150)

I

DOUTRINA

CAPÍTULO II

Atitude filosófica

SUMÁRIO. — Reacção literária no outono romântico. — Ciência-ídolo e ciência-ilusão. — Epigonismo comteano e confusão de atitudes. — Metafisicismo teatral de Junqueiro. — Enigmas e decifrações. — Illogismo congénito. — Uma definição de filosofia. — Perspectivas junqueirianas. — Notas de um professor obscuro de filosofia às locubrações de um que dizem filósofo ilustre; ou Notas às «Notas à Margem».

Guerra Junqueiro afirmou-se em época de reacção tenaz e muito justa contra o pieguismo ultra-romântico dos caudatários de Castilho, que à sombra de êste se acolhiam, ficando muito longe de êle na capacidade de realizar. Castilho — tôda a sua obra o grita — era incapaz de criar e, se dava largas a uma imaginação sem asas, com freqüência e largamente se espriava no ridículo. Os *Ciumes do bardo*, as *Cartas de Eco e Narciso*, a melifluidade viscosa de certos louvores são testemunho constante e patente do que digo. Como crítico, assalta-me forte dúvida de sua sinceridade. A sua acrimonia despeitada nem por velar-se de mansidão exterior era menos venenosa; mas a resgatar êsse e outros defeitos de que não cumpre agora falar, êle era de uma extraordinária virtuosidade.

dade; e o documento mais poderoso de sua mestria são as traduções, como a dos *Fastos*, de *O medico à força*, de *As Sabichonas* (apesar de alguns passos tècnicamente inferiores) ⁽¹⁾ e pouquíssimos passos do *Fausto*. Nêste, quando o pensamento de Goethe se eleva ou requinta, Castilho já não pode acompanhá-lo, e a generalidade das críticas provocadas pelo aparecimento da tradução, é inabalável. Entretanto, e no sentido em que o poeta merece louvor, podem citar-se ainda nêste último poema o «Prólogo no céu», de grande riqueza harmónica, e a balada do rei de Thule, fidelíssima, essa, e a melhor de quantas há em português (a de Antero é visivelmente inferior, apesar de ser das melhores) pelo tom popular e ingénuo que o poeta consegue dar-lhe e pela frescura de sensibilidade quási infantil que nela transparece.

Tudo isto porém veio parar aos «contos rimados», insulsos de significação e escovadinhos de métrica, de Tomás Ribeiro, às «Doidas de Albano», com punhais, juramentos, mães ferozes, e versos de redondilha armados em sextilhas de uma rima só, de Xavier Cordeiro, ou àqueles salteadores heroicos de Luís Palmeirim (o romantismo teve um fraco pelos bandidos e pelas voragens) que diziam e faziam coisas de muito assombro e maravilha em noites caliginosas, quando, segundo sua própria expressão, de bem vincado orgulho profissional,

Era noite sem lua, sem nada.

Sem lua, sem nada!! Não se diga que destoa do arranque do valente o apuro declamatório de seu profundo exprimir.

O quadro era tão grotesco e desorbitado, que a-pesar-de

(1) Como certas falas de — Jorge. —

alguns admiradores caducos, era desnecessário grande esforço para derrubar ídolos de tão grosseiro barro; a discussão do «bom-senso e bom gosto» deveu-se ao despeito de Castilho e à grandeza de Antero, que, como todos os convictos de espírito superior, atribuiu ao adversário uma força imaginária e prestes a perder-se. A transição era de tal modo natural, que me lembra ainda de ter passado, — e o mesmo sucedeu a muitos, — da admiração pelo D. Jaime ao repúdio global do autor, sob a influência imediata da obra de G. Junqueiro. O benefício (fácil de receber por melhor caminho) foi o de libertar-me de aquele romantismo frívolo e inferior. Guerra Junqueiro veio portanto em uma época extremamente favorável ao movimento que na poesia portuguesa pretendeu iniciar; podia ter tido, como de V. Hugo disse Brunetière, o génio da colocação. Ora, não parece que a obra corresponda à situação admirável, a-pesar-de o êxito ser enorme, êxito revelador da sede do público, culto ou inculto, consciente ou não, perante as águas salobras do nosso romantismo⁽¹⁾.

Antero porém não foi apenas o pregoeiro do movimento, à maneira de um Bacon na orientação da filosofia. Prêgou, mas realizou; essencialmente poeta e artista, (veja-se a sua prosa admirável) o que se chamou a «filosofia de Antero» ainda era a sua poesia. Espírito absorvido pelas mais nobres angústias da inteligência, as suas ideias tinham de revestir interesse filosófico; mas a obra é — tôda ela — obra de poderoso e raro artista. Leiam a maravilha do *Entre Sombras* os que depois da leitura dos Sonetos alguma dúvida tiverem.

(1) Não esqueçamos porém que a maior popularidade de G. Junqueiro se deveu à aura política, sobre o poeta reflectida. O facto está em sua generalidade registrado no capítulo I; e é no nosso caso inteiramente aplicável.

Parece-me até que deve ter sido essa preocupação ála-cre do seu espírito, essa inquietude do aspirar, expressa em permanente vivacidade interrogadora, essa consciência nítida do incerto, do transitório, essa verdadeira aristocracia da sua mentalidade, que o salvou de um êrro vulgar e de uma atitude lastimável: êrro e atitude dos adoradores feiticistas da ciência, ajoelhados perante o seu altar, como o selvagem curvado perante o feitiço poderoso.

É — ou foi durante largos anos — do número de tais fanáticos o poeta G. Junqueiro. A ciência aparece-lhe duplamente aureolada, como aspiração e obra máxima do espírito, fonte de certeza e fonte de verdade, e como orientadora e até renovadora da arte. Tal a ideia dominante em grande parte do Prefácio de *A Morte de D. João*, na «Nota» ao mesmo poema, em vários passos de essa obra, em vários de *A Velhice do Padre Eterno* e até em aquela de suas obras que por natureza mais longe parecia de prestar-se à fúria apoteótica: *Musa em férias*. Aí, repetindo em verso, com intenção de sublinhar pitorescamente, pouco mais ou menos o que no prefácio de *A Morte*... dissera em prosa, estabelece uma relação estético-científica nestes termos:

Se a musa, enfim, quer entrar
Do mistério a porta escura
Diz à ciência: — Vae buscar
A chave da fechadura.

Na mesma obra, o soneto *Ruínas* põe acima de tudo com uma veneração que parece, e o poeta julgou, heroica e hoje se vê ser... ingénua, êsse ideal da ciência, antropomorfizada com um ímpeto não só extra-científico, mas irracional:

Ó Ciência! Ó *minha amante*! Ó sonho bello!
.....
Caia a fé, caia Deus, sendo preciso
Em nome do direito e da *Verdade*!

De passagem referirei que este apaixonado da ciência e da razão diz, no mesmo livro, e na poesia já citada :

E a Musa, vendo-se então
Sòzinha na noite imensa,
Entre um *naufragio* — a razão —
E um *salva-vidas* — a crença —

Procura fugindo à morte
O doce olhar de Jesus (1).

.....

— Vejamos um pouco o soneto característico, verdadeiro espécimen, como mostrarei, do pensamento de Junqueiro :

A loucura idolátrica da ciência é, como ninguém ignora, uma prova de escassa cultura científica. O sábio mais profundo, que nela vê um fim bastante de vida, aquêle que lhe sacrifica esforço e tempo, aquele que se condena «a longos e duros trabalhos» (2) não venera, objectivando-a de forma grosseira, essa pseudo-divindade; e como, além da relatividade inerente ao conhecer, de que não precisa recordar-se, pois esse pensamento é nêle permanente, apreende do mesmo passo o mundo ignorado, de que porventura outros virão a penetrar algum recanto, nunca êsse conceito de ciência se lhe resolve em alegoria ingênua de triunfante majestade, por isso que nela vê — modesto e realista — uma expressão transitória de um longo evoluir, ou, para falar à Hegel, nela vê um momento dialéctico do indefinido processo mental da

(1) G. Junqueiro, que pouco reflectia, tece as mais extravagantes contradições. Também em matéria religiosa os absurdos são palmares. Cortei de êste capítulo o que dizia sobre o seu pensamento religioso, porque êle está muito bem tratado em um livro de António Sérgio, a que adiante faço referência.

(2) A frase é de H. Poincaré.

humanidade. Pode alegar-se, para atenuar a responsabilidade de G. Junqueiro neste pecado intelectual, que outros escritores caíram no mesmo beatífico estado de espírito. E esse estado derivou, na época, essencialmente da vulgarização da obra de Comte e de certo exagero e desvio na sua interpretação. Comte definira, é certo, a sua época, como a «época positiva», em que os conhecimentos adquiridos e a sua sistematização filosófica substituiriam o devaneio da metafísica (*Cours...* 3.^a ed. 1869, tomo VI, liç. 56 e 57); mas nenhum outro pensador beijou mais fervoroso e humilde aquêle muro fatal, o limite do espírito (aliás em Comte muito estreito) contra o qual se revoltava impotente e formidável o génio de Dostoiewsky, na luta contra as evidências, o que basta para mostrar quanto o seu mundo era mais vasto que o de Comte. A limitação voluntária, metodológica — e arbitrária — do conhecimento, levou o próprio fundador do positivismo a êrros graves de visão (como o da impossibilidade da observação interna)⁽¹⁾ e a outros não menos graves de previsão (como o de afirmar que nunca se saberia e de nada valeria saber a constituição química do Sol). Datou porém de Comte aquêle feiticismo científico, ainda hoje aproveitado por certos caixeiros viajantes da Inteligência, que usam com tocante afêrro o traje desbotado da mentalidade de seus maiores (cujo valor era o mesmo) e se supõem desvanecidamente no rigor da moda... intelectual.

Erro seria afirmar que na doutrina de Comte se contenham, podendo deduzir-se de ela, tôdas as conseqüências derivadas na realidade sempre deturpadora, do contacto dos espíritos. É sorte comum das doutrinas bafejadas por exces-

(1) *Cours...* tom. III, liç. 45, e tom. I, liç. 1. Como se sabe a primeira refutação importante de êste êrro de Comte, que não interpretou bem a própria expressão, deve-se a Stuart Mill, cuja doutrina a evolução da psicologia confirmou.

siva aura; e W. James chegou a considerar a mór parte das discussões filosóficas um protesto contra a incompreensão; o certo é ter ficado, não como traço característico do pensamento de Comte, mas como seu alicerce, a afirmação da supremacia indisputada da ciência. Esta nova explosão do «scientismo», desenvolvida no século XIX, ligou-se com a tradição confusa da Enciclopedia, com a qual tinha de facto pontos de contacto importantes; eram-no a crença na auto-libertação da humanidade pela continuidade do progresso, a doutrina da perfectibilidade social, reflexo da perfectibilidade mental, indefinidas ambas, e a preocupação de dar como pábulo exclusivo à inteligência o fruto do saber positivo, postos de lado todo transcendente, todo sobrenatural, todo influxo divino; e, neste ponto, a Enciclopedia quebrava a tradição cartesiana — o que não surpreende, dada a influência de Locke — pois a «dúvida metódica» se transformava em «atitude sistemática» e onde Descartes pusera como segurança de sua construção, a certeza — por êle julgada superior à de muitas proposições matemáticas demonstradas — da existência da divindade, o Enciclopedismo pusera a *Historia natural da alma*, de La Mettrie, ou a negação escarninha e superficial de Voltaire. O positivismo arvorou depois um *nescimus* indiferente.

Celebrada em vários tons na revista «O Positivismo», de que eram alma o psiquiatra Dr. Júlio de Matos, adepto fervoroso e inteligente, e o Dr. Teófilo Braga, curiosa celebridade entre os que nada sabiam, a doutrina, mais ou menos deturpada, alastrou e conquistou alguns espíritos, e reflectiu-se na arte. Ramalho Ortigão, a quem um espontâneo bom senso, por vezes um tanto superficial, salvou de excessos caricatos, não ficou indemne ao vírus; mais tarde Fialho de Almeida havia de chasquear das «biologices» e «sociologices» de *As Farpas*; e tôda a corrente realista portuguesa, como em França fôra, vibrou nesta adoração da ciência, de que é

aspecto derivado a tecnicidade da forma. Também Fialho foi seu defensor e por vezes praticante exagerado, sendo que é êsse o lado fraco da sua obra de estilista, por vir reforçado pela veemência, às vezes alucinada, da sua visão.

Junqueiro pretende também ser representante de esta directriz espiritual. Entretanto, não só não é realista — senão muito à superfície e exteriormente, — como a aspiração religiosa — rasto étnico ou simples cunho pessoal? — o não abandona completamente e surge, hesitante, em algumas obras suas. Ele próprio se diz uma «natureza inquieta de religioso e de metafísico», frase que, a-pesar-de campanuda e teatral, escrita com a transparente finalidade de «marcar» aos olhos do leitor, contém uma verdade, patente em grande parte da obra. Pode até verificar-se que tal pensamento o domina alternadamente com a tendência iconoclastica, e que de um a outro extremo se agita quâsi pendularmente; e como uma característica do autor é a contradição flagrante, visível até na própria realização literária, isso o conduz a atitudes conciliatórias, de cuja sinceridade chegamos a duvidar, para não termos de aceitar a alternativa de que no seu espírito não há o mais tenue clarão de lógica. Assim, em a *Nota de Os Simples*, pretende explicar esta obra como complemento de *A Velhice...*, declarando que o lirismo da primeira é o reverso da sátira, e a indignação de esta o comentário do tom elegíaco de aquela. Este comentário, anterior ao seu objecto, é, como ideia, um cahos; e *Os Simples* só podem agravá-lo; é que ali não há nexos lógico ou real; há, depois da obra concluída, a preocupação de ligá-la, tão desconexa ela se apresenta a um vago instinto de harmonia do seu autor, preocupação que o obriga a querer jungir o disperso e interpretar orgânicamente o disparatado. Mas a preocupação é evidente, e há que recebê-la como facto bem estabelecido e aspecto multiafirmado da fisionomia espiritual de Junqueiro.



Comecemos pela «Nota» de *Os Simples*.

Fala o poeta de uma crise angustiosa e fisiológica por que passou e revela-nos que «revolveu no cérebro escandecido todos os enigmas torturantes». — *Todos?* O autor estaria certo de que a crise passara quando escreveu isto? É certo que o *todos*, linhas antes, é — «o problema *do além* como agora se diz» — e a propósito do qual o autor considera que — «o problema da morte é, no fundo, o problema da vida» —.

No fundo e à superfície. Se considerarmos a vida um problema, a morte nada mais é que um aspecto de êsse problema; e pode ser o inverso: considerada a morte um problema, a vida será apenas uma face da questão.

Mas, «escandecido o cérebro» e depois de ter «questionado a razão» (quem é que questionava a razão?) e de «ouvir a consciência» (quem é que ouvia a consciência?) e de ter pedido «à história natural» (isto é, a uma ciência descritiva!) o «segredo íntimo das coisas», conseguiu o que desejava; e foi — apenas isto! — ter da vida e do universo *uma ideia metódica e definitiva!!*

É difícil tratar a sério coisas tais, que dariam tom suficientemente pitoresco a uma dissertação escolar de principiante, fadado para curtos vôos; o tom da crítica, importa notá-lo, é dado em parte pela obra criticada; e esta não é das próprias para elevá-lo.

Ora, logo que a «história natural» revelou a G. Junqueiro, por inexplicável capricho feminino, o tal segredo íntimo das coisas, que nunca aos verdadeiros naturalistas quis dizer, a ponto de êles já não pensarem em perguntar-lho, o beneficiado, em vez de comunicá-lo ao mundo absorto, guardou-o

também, e aproveitou-o para formar (não lhe bastava na rudeza nativa) uma *ideia metódica e definitiva* da vida e do universo. Nem se vê em que pode tal ideia diferir do *segrêdo* supracitado, solução do problema pôsto a si próprio pelo autor.

Guardou pois Junqueiro o *segrêdo íntimo* e construiu, «não um sistema de filosofia humana» mas uma «metafísica *para uso próprio!*»

Qualquer que seja o valor atribuído à metafísica, porque êle vai nos pensadores e filósofos, desde o zero da escala de Comte, ao máximo da escala de Wundt, em um ponto existe acôrdo: em que a metafísica tem por objecto a máxima generalidade do ser; a sua transcendência não é um caracter possível de sistematização, mas o aspecto necessário da sua universalidade. Pois foi precisamente uma metafísica pessoal e de uso interno o que Junqueiro diz ter construído.

Acrescenta que não se afastou muito, com esta invenção, do que já pensava antes de ter inventado; sòmente «o que era intuição tornou-se certeza» (Junqueiro parece crer que intuição e hipótese se predicam reciprocamente) «e o que era hipótese, mais ou menos sentimental e imaginária, transformou-se num corpo de doutrina raciocinado e lógico».

Sem acentuar a série de êrros de expressão e a flutuação dos termos, vejamos com algum cuidado o sentido da frase citada.

Quere o autor dizer que conseguiu transformar as suas hipóteses (que, imaginárias por essência, não podem ser outra coisa, sendo por isso desnecessário e impróprio o *mais ou menos* da frase) em uma doutrina lògicamente demonstrada (*tornou-se certeza...*). Pena é ser tudo *para uso próprio*, o que nega o carácter da demonstrabilidade.

Poderá dizer-se: — Não é êsse o pensamento do poeta. O que êle fez foi coordenar as suas dúvidas, bater-se contra as suas hesitações e dar-lhes uma resposta. O seu raciocínio

não se encadeou segundo a lógica demonstrativa, mas segundo a sua atitude psíquica; ou, mais simples: orientou, definiu, consolidou o conjunto da sua crença.

Muito bem. Nesse caso, as palavras *certeza*, *corpo de doutrina lógico* etc. não têm o significado exacto e pediam nota ou substituição. Tudo isto para dar a entender que a intuição rude do povo — aliás cheia de figurativo, e quanta vez! de materialização grosseira, facilmente encaminhavel para a idolatria — é sublime e profunda, ao passo que na Igreja católica é materialidade e crime a interpretação do Evangelho!

É que no pensamento de G. Junqueiro nunca há unidade; superficial e verbalista, é ingenuamente ilógico. Tal carácter pode encontrar-se nas pseudo-ideias gerais que se compraz em espalhar, nos poemas comparados e em cada um de êles, nas diversas partes do mesmo poema, dentro de cada página e até, com maior frequência do que pode julgar-se, dentro de cada verso. Tudo fia da sonoridade pura⁽¹⁾, carácter exterior, e inferior da palavra. Vê-lo hemos. Entretanto, é bom não esquecer que é o poeta que pretende ser científico e filosófico, e não eu que tenho por necessário que êle ou outro o seja; mas apresentando-se como tal, é forçoso receber a afirmação e averiguar do seu direito.

Antes de prosseguir: — que entende êste filósofo por filosofia? Ele o diz: (*Prosas dispersas*, pág. 91). «A filosofia é a sociologia do universo, a história ordenada dos encadeamentos da existência, da evolução do amor». Isto é, Junqueiro opina que o Universo se compõe de existências encadeadas, que representam a fenomenalidade de uma mesma essência — o amor —. Ideia pueril, já conhecida, mas aqui mais mal expressa. E assim como o amor da humanidade,

(1) Sonoridade, na mór parte dos casos, brutalmente rítmica, ruídos, mas pouco musical, no sentido superior da palavra.

realizando-se, dá o objecto da sociologia, assim o amor universal, em sua realização no tempo e no espaço, dá o objecto da filosofia.

Temos pois, segundo Junqueiro:

Amor, — encadeamento das existências, cuja evolução é ordenada.

Sociologia — estudo da evolução do amor humano.

Filosofia — sociologia do Universo.

Não é feio nem obscuro. Continuemos a citação.

«E como a vida da natureza (Junqueiro tem uma preocupação explicativa constante) só chega à síntese na ideia de Deus, é claro — [nada tem de claro] — que o santo ou o grande poeta conhecem melhor a vida do que o filósofo, pois que eles mesmos são a vida na escala mais alta e no estado nascente».

Esforcemo-nos por desembrulhar:

A vida da natureza chega à síntese — síntese de elementos reais, pois não se trata do conceito de Vida — não em Deus, como seria de esperar do flutuante e contraditório panteísmo do poeta ⁽¹⁾, mas na *ideia de Deus*. Se o autor afirmasse que

(1) Exemplos: — Em *O Melro (Velhice...)* a única *Bíblia verdadeira* é a Natureza, conclusão importante para o autor, visto pô-la na boca do padre, convertido à doutrina junqueiriana... pela asa do melro; e «há mais Deus nos cardos secos do que na Bíblia. Em *Os Simples*, o povo interpreta sublimemente, porque o seu cristianismo «é feito (sic) com a ignorância absoluta do dogma e a intuição humana dos Evangelhos», sendo assim que êle entende o *divino* espírito de Jesus. Simultaneamente declara sentir em si redobrar, um *desenvolvimento progressivo* de misticismo naturalista. Na *Oração à luz* estabelece uma gradação que vai da areia *num momento* ao lodo, à seiva, ao fruto, à carne, ao sangue, ao pensamento. E em *A Velhice*, na Introdução, declara acreditar em um Deus que premeia e castiga, e na imortalidade da alma. Monismo, livre exame, panteísmo, concepção católica de Deus pessoa e juiz, aversão ao catolicismo, naturalismo, misticismo (êste um pouco mais literário do que real) tudo se enevoa e confunde na muitas vezes incoercível

o conceito da Vida só chega à síntese na ideia de Deus, a coisa era inteligível, embora frouxa. Tal qual a escreveu a frase não dá sentido que se aproveite. E de uma frase sem sentido conclui G. Junqueiro [— *é claro* —] que o santo ou o grande poeta conhecem melhor a vida etc.

Conhecem? Porquê? Por causa da síntese?! O autor continua e dá uma razão que deve ser modalidade da primeira, visto explicar o que apresenta como consequência de aquela; e diz: — «pois que eles mesmos são a vida na escala mais alta e no estado nascente».

Seja. A estrutura do período é esta:

Como *A* só se sintetiza em *B*, *C* e *D* conhecem melhor *A*, porque *C* e *D* são *A* no estado *x*.

Uma confusão inextricável. *Conhecem* melhor a vida (da natureza?) porque *são* a vida (da natureza ainda?) na escala mais alta, visto como a vida só chega à síntese na ideia de Deus. Límpido. Quanto à *escala mais alta*, apenas é de lamentar que os filósofos, ao que parece, não passem de vida na escala mais baixa e no estado moribundo.

Outro exemplo, porque para não tornar o trabalho interminável, devo limitar-me às provas eliminatórias.

— «A vida (*ibid.*, pág. 92) aparece na obra do filósofo descrita por cálculos, ordenada por argumentos e por ideias».

Ora, nem pode descrever-se a vida por cálculos, nem ela aparece necessariamente na obra do filósofo, nem é ordenada por ideias. As ideias é que devem ser sempre ordenadas e muita vez o não são. A frase não dá sentido no conjunto e nos pormenores é lastimável.

Entretanto — quem o pensaria? — o autor declara (*Morte...* pág. 319) que «a química, a física, a história, a linguística,

concepção do autor. E não menciono já os passos de ateísmo declarado, que embora igualmente contraditórios e frouxos, são inúmeros, a-pesar-das afirmações em contrário.

a etnografia, a astronomia, a filosofia, *em summa*, tôdas as sciências humanas são milhares de raios luminosos que se cruzam, interceptando-se num *único* ponto. O passo lembra com impressionante semelhança, a fala de Teodora na tradução de *Les femmes savantes*, até por a série apresentada, embora muito mais curta, não derivar com maior nexa (1).

Nesse ponto (*único*, diz redundantíssimamente Junqueiro) deve estar o poeta. Pois vejamos o poeta nesse centro de perspectiva.

Perspectiva química:

1.º exemplo:

«Almas da água, quando se casaram
Foi com beijos de luz que se beijaram».

Passo da «Oração à luz» que deixa boquiabertos os semi-ignorantes, e talvez esteja dentro de aquela doutrina estética (*Morte...* Pref.) que atribui à ciência o papel de dar «o convencimento, a certeza» e à poesia o de dar (2) (melhor se diria exprimir) a «emoção, o entusiasmo». O dístico, pela imaginação é frouxo, por adstrito à imagem real que lhe deu

(1) Relembro essa fala, que não se encontra em Molière, mas é dos passos felizes de Castilho:

... venha quanto maná dar possam as sciências:
leis, política, história, a cirurgia, a ética,
o cálculo, a geodesia, a oratória, a dialectica
a história natural, a física, a gramática,
a estratégia, a obstetrícia, a náutica, a aerostática,
a simbólica, a higiene, o comércio, a ginástica,
necromância e higromância, a estética co'a plástica
a agronomia...

(Acto II, Scena VII).

(2) É certo que aquele *dar* pode significar *transmitir*. Sendo assim recuso-me a examinar o papel ridículo da poesia e dos poetas, segundo essa concepção do autor, a quem prefiro não atribuir tal dislate.

origem; como comentário poético é uma curiosidade; o seu interesse é o do exotismo, laivado de um tom de extravagância, e briga, no poema a que pertence, com o intuito de aita metafísica do autor, e com o tom de nobre devaneio que êle desejava imprimir-lhe. Excepção feita da mania científica, a impressão de curiosidade resultante é análoga à do verso de Rostand, em *Chantecler*, empregado pelo melro para caricaturar a borboleta:

On prend un W qu'on met sur un Y

É a impressão da *trouvaille*, do bem achado. Mais nada.

2.^o exemplo — que entra também... na geologia:

«Lança-se-lhe um carvão e faz um diamante».

Tenho por inútil comentar.

3.^o exemplo — referido ao espírito humano:

«É feito de potassa e feito de calcáreo».

É certo que esta frase se atribui no poema aos homens sem moral, incapazes de reconhecer a espiritualidade da vida; mas a sciência é visivelmente de Junqueiro, não só pela analogia com centenas de exemplos, mas ainda porque não é para repudiá-la, mas para tirar de ela outras conclusões, que se lhe refere neste lugar.

4.^o exemplo:

«Musgos, liquens, fetos, *química* incessante...
Fazem montões de almas de essa podridão».

Como se disséssemos:

«Vacas e carneiros, *biologia* eterna
Vão roendo as hervas e fazendo sangue».

Junqueiro escreveu aqui como se ignorasse que é o homem quem faz química no seu laboratório e que a natureza não faz, nem deixa de fazer *química*, porque êste é o nome de uma ciência, de um *campo de estudo* metódicamente delimitado. É certo empregar-se às vezes o mesmo nome para designar a realidade-objecto de uma ciência e a ciência que estuda essa realidade; mas atenda-se ao desorbitado da frase, à imponência da afirmação, à palavra na situação de apôsto, para se ver que a sugestão partiu da ciência para a natureza (o que está de acôrdo com a concepção integral do poeta e em especial com o seu erradíssimo conceito de lei científica, como veremos) para se verificar a justeza da minha interpretação. Cesário Verde escreveu: (*Nós* pág. 92 ed. de 1901).

E ter riqueza química no sangue.

Embora êste verso não seja dos mais felizes do notável e semi-esquecido poeta apresento-o para mostrar a diferença entre ambos.

Exemplos de perspectiva... histórica:

1.º «Pedi à história natural (única história verdadeira) etc.».

Jogo impróprio de palavras? Lapso na distinção fundamental, disfarçada na identidade superficial do termo? Dispensamo-nos de optar.

2.º «Sabes o que é a História? Uma mulher sombria» etc.

Não importa neste capítulo averiguar a realização literária de esta figura alegórica (aliás vulgar). Mas deve observar-se que a concepção do poeta, enamorado da ciência e das realidades é, muito agravada com o seu ímpeto próprio, a concepção romântica da história-juiz. Com a sua tendência deformadora e descompassada, deixa de ser em Junqueiro a

história-juiz, para ser a história-carrasco. É uma virago formidável que anda nos cemitérios a desentulhar «ossadas de impérios» (coisa bem trivial e romântica, traduzida em campanudo) como consta de pág. 42 de *A Morte*... e em momentos de furor se põe a esbofetear os Cains, residentes, segundo parece, nos

... «antros infernais, cheios de pesadelos».

E para quê, Senhor! Para fazer um terramoto espantoso, pondo «sentinas onde estão trofeus», abrindo «cabeças de heróis» e «ventres de sepulturas» e concomitantemente dar sua bofetada nos Cains, no que é eficazmente auxiliada pelo Remorso (ao que se vê em *A Caridade e a Justiça de A Velhice*). Ela

... «espalma-lhes no rosto a grande mão pesada»;

e ele

«azorruga-os co'a luz febril do seu olhar
dando-lhe um pontapé».

Como a cronologia, até para Junqueiro, é a alma da história, darei exemplos da cronologia.

1.^o «Tomemos o oceano como objecto de um poema⁽¹⁾. Se êsse poema *for feito*⁽²⁾ há mil anos... não poderá comparar-se com igual poema⁽³⁾ feito em 1876. O mar, para o

(1) Para notar que êste «revolucionário científico» [*a forte poesia revolucionária*, como êle diz no Prefácio de *A Morte*...] fala de «objecto de um poema» com o significado concreto, pesado, que um retardatário ultra-romântico lhe daria.

(2) O «raio luminoso» da linguística não exigiria que o autor aqui dissesse: *tiver sido* feito?

(3) Como se vê é o objecto — no sentido material e grosseiro que

poeta do ano de 800 seria simplesmente» — [êsse pouco!] — «um abismo habitado por *deuses*, monstros, e ficções...».

Ora em 800, ano da coroação de Carlos Magno e época de dilatação da fé católica, a superstição pode encher o mar de monstros, mas não de deuses. E quási oito séculos depois, um homem que já não acreditava nos monstros e nas ficções e que vira claramente visto o que é o mar com sua fúria, seu atractivo, seu perigo, sua grandeza, sua tragédia, enchia o mar de deuses e ficções e criava o Adamastor.

2.º

«É uma ideia que cai do alto de *seis mil anos* (*Morte...*, pág. 24)

Fala da Liberdade. Não admira que nos tenha chegado tão escalavrada.

3.º A Bíblia da Verdade está

«Há seis mil anos já nos nossos corações» (*Morte...*, pág. 27)

4.º O sol da liberdade descreve «há *seis mil anos*» a *ecliptica gigante*, cujas constelações (é extraordinário!) são Prometeu ⁽¹⁾ (a divindade mítica) Dante, Cristo — (o sol já deu

acima vemos — que torna os poemas «iguais». Esta incapacidade do valor expressional, da gradação lógica é já mau sintoma. Adiante veremos onde êste defeito enquadra.

(1) Decerto, uma figura mítica presta-se muitas vezes a representação simbólica à escolha do autor, dentro de certos limites. Das possíveis em Prometeu, G. Junqueiro escolheu — se é que tinha conhecimento das outras — a mais trivial: a do revoltado contra Jove. Quanto à série de nomes é visivelmente falha de todo significado e *a fortiori* de aquêlê que o poeta quis dar-lhe. Prometeu, segundo o autor, é a revolta. Seja. E Dante? É por ser gibelino? Longa história seria a de mostrar que a liberdade não estava ao lado de estes. E Cristo? Que analogia tem com Prometeu, como o poeta o prefere? Galileu, claro, é por ter sido perseguido; mas a lista não é de mártires. Washington defendeu

uma volta) — Galileu, Washington (o presidente da grande república norte-americana) Pascal, Newton, Voltaire (!!)(*Ibid.* pág. 28).

«Mr. voilà de l'astronomie» — diria a personagem da comédia de Musset.

5.º É preciso derrubar Jehovah, que

«Há seis mil anos quasi assombra a humanidade (*Ibid.* pág. 39)

6.º O abutre tirania

«Há seis mil anos já devora noite e dia
O Prometeu antigo» (*Ibid.* pág. 40).

7.º A cândida inocência desapareceu do mundo sem deixar rastro, *há quasi seis mil anos* (*Ibid.* pág. 307).

8.º O remorso diz que anda na sua tarefa *há mais de seis mil anos* (*Velhice*, pág. 27).

9.º E, finalmente, há um papão, residente detrás da porta do Infinito, que não faz a barba *há seis mil anos* (*Ibid.* pág. 43).

Exemplo de cosmografia:

. . . O pelago suspenso
Dos astros e dos mundos (*Ibid.* pág. 26).

a liberdade dos Estados Unidos contra a Inglaterra; mas é da liberdade nacional que se trata? Então e o Prometeu? e Cristo? Pascal e Newton a que vêm? O primeiro vem como filósofo? Antes de êle e depois de êle quantos há! Ou vem apenas por ter discutido com os jesuítas? Newton está no zodiaco da liberdade porque estabeleceu a lei da atracção? Voltaire, enfim, compreende-se; prègou a tolerância e escreveu algumas chalaças; é portanto, salva ainda assim a diferença visível, da classe espiritual de G. Junqueiro. As oito constelações do *zodiaco imortal* (porque o verso não deu licença de pôr lá doze) não têm sentido que preste.

Exemplo de geologia:

Ao crebro latejar das tuas pulsações [do mar]

Abrasam-se de fogo as bocas dos vulcões. (*Morte*, pág. 2)

Mas para que prolongar? Talvez tudo isto se explique por outra doutrina do autor. É que o pensamento humano, depois de ter *andado pelo infinito*, como fica exarado a pág. 29 da «*Morte...*» interrogou *a história, os ventos, o granito* (singularíssima série de oráculos) e veio dizer-nos que Jesus, Sócrates, Platão (outro grupo curioso) tinham falado verdade. Ainda bem que a prova jurídica do testemunho complexo os iliba da culpa de trapaça. E falaram verdade, porque existe *uma razão, uma ideia, uma lei* (dir-se hia que são sinónimos) misteriosa (!) e etérea (!) a que tudo obedece. — Coisa de picaresco sabor que nenhum de êles afirmou. E o século XIX que no parecer do poeta (*Morte...* pág. 316) foi estupendo, descobriu entre outras coisas «a lei das correntes marítimas», a «lei das tempestades (!)» a «lei da história (!!)» viu o infinitamente pequeno com o microscópio e viu o infinitamente grande com o telescópio. Deve ter sido aquela ignorada lei da história que ensinou ao poeta a obsediante data dos seis mil anos (!).

Para concluir, exemplos de filosofia. Procuro-os em o

(1) Darei um só exemplo, que seria fácil multiplicar, da extravagante concepção de lei científica, de G. Junqueiro. Lê-se a pág. 318 de *A Morte...* «Qual é nos povos civilizados a lei de justiça que domina o amor? O casamento. Qual é a que domina a política? A liberdade (!) Qual é a que domina a natureza? As leis físicas, descobertas e interpretadas pelas *sciências naturais*». Comentário inútil. Apenas lembro, porque é pormenor fácil de passar despercebido, que no tempo do poeta e dada a origem da sua cultura, ninguém empregava — e hoje muito poucos empregam — a expressão «*sciências naturais*» no sentido da palavra alemã *Naturwissenschaften*, o que torna mais errada a última frase.

número do Natal do *Diario de Noticias* (25-XII-1922) que as publicou como quem as considerava admiráveis.

1.º «Unificar a vida na matéria, que absurdo! É como se eu quisesse unificar-me nas minhas unhas ou nos meus calos».

Esta frase, insulsa como gracejo, exautora definitivamente quem a escreve a sério.

Revela que não houve compreensão do problema, nem capacidade de estudo, nem respeito pela inteligência alheia, nem consideração pela própria, nem conhecimento dos dados elementares. Ninguém pretendeu *unificar a vida na matéria*. O materialismo não é, nunca foi, nem pode ser a doutrina de essa unificação. O materialista apenas se recusa a aceitar para a vida uma explicação transcendente, pretendendo que ela se explique pelas propriedades fisico-químicas e também orgânicas, da matéria viva; não é pois *unificar na matéria*, é diversificar a matéria; é alargar o conceito de matéria. Demais, a comparação de Junqueiro é de uma impropriedade ridícula (e outrotanto lhe sucede constantemente em verso). Entre a pessoa do poeta e a sua keratina não há uma relação identica à outra. E decididamente a posição do materialismo não se combate com os calos de quem quer que seja.

2.º «Vaidosos psicólogos, que pretendeis analisar exaustivamente a alma humana, lembrai-vos que às vezes, numa gota de água, há três milhões de infusórios»!

É caso para os psicólogos estarrecerem de assombro esta novidade analógica.

A afirmação não pode ser tomada a sério, mas, quando o fôsse, Junqueiro parece ignorar que a existência verificada dos infusórios é exaustiva. Três ou três milhões a qualidade é a mesma e feito o cálculo da quantidade, está concluída a análise. Se a alma humana fôsse a actividade simultânea de três milhões de impressões e reacções idênticas e nessa hipó-

tese pudesse subsistir a nossa capacidade analítica, há muito que a análise «exaustiva» teria ficado concluída. Quanto à vaidade, que não é qualidade inerente aos psicólogos (pode havê-los vaidosos e modestos, tal qual nos poetas) vê-se que ela existe nêles em especial por não se lembrarem dos infusórios nas gotas, e teimarem (já é birra!) em analisar a alma humana, apesar do prudente aviso dos poetas-filósofos, que trazem sempre debaixo de olho a bicharia microscópica, muito elucidativa e de boa lição, como acabamos de ver.

3.º e último.

«A nossa vida é feita de instantes, de cisco de tempo»...

A vida, que não se unifica na matéria, é construída de cisco imaterial, que são os instantes. Imagem bonita; e consoladora, porque logo acrescenta que o cisco «vivido em Deus, pode ser eterno».

Chama-se a isto *Notas à margem de uma filosofia*. Qual a filosofia, o alto pensamento inspirador do marginista? Estes ciscos, cimentos armados, momentos eternos, tapeçarias, etc. de onde surgiram? — Vão lá saber! —

Pois é a êste palavrear informe, fácil de vencer pela informação superficial de qualquer almanaque bem feito, que chamam filosofia os marçanos das letras, admiradores cegos do poeta e que porfiam em chamar-lhe águia, como se para isso bastasse a típica aduncidade hebraica do seu perfil.